

# Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó



Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó  
13 a 16 de outubro de 2002

Comissão Organizadora

José Alexandre Felizola Diniz

Maria Cleonice Vergne

Maria Luzia M. Vieira

Maria Tereza S. Cruz

Fernando Lins de Carvalho

Almir Souza Vieira Júnior

Ilustração da capa: Fragmento do painel do Sítio Letreiro

Editoração Eletrônica: Adilma Menezes

# APRESENTAÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó faz entrega à comunidade científica nacional dos Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, evento realizado em Canindé do São Francisco, de 13 a 16 de outubro de 2002.

Do presente volume constam o relatório sobre o que foi o Workshop, os textos completos das conferências proferidas pelos professores José Luís de Moraes, Pedro Inácio Schmitz e Carlos Alberto Etchevarne, os resumos das 20 comunicações apresentadas em painel e os programas dos minicursos ministrados pelas Professoras Aracy Losano Fontes, Tânia Andrade Lima, Margarida Davina Andreatta, Marisa Coutinho Afonso e Márcia Angelina Alves.

Com essa publicação, o MAX conclui as atividades do Workshop e divulga, no meio arqueológico, as atividades e a produção resultante do evento.

O MAX espera que o Encontro tenha contribuído para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no país, almejando que dele possa advir um maior interesse por esse campo da pesquisa científica.



# SERRA DA GUIA: MARCAS DA OCUPAÇÃO HUMANA NA PAISAGEM DE POÇO REDONDO – SE. (Séculos XIX-XX)\*

Fabília de Oliveira Santos\* \*

O objetivo de empreender estudos sobre a ocupação humana no Brasil pode ser considerado uma tarefa complexa, devido principalmente, à amplitude territorial do país. Multiplicam-se as dificuldades quando se busca perscrutar a ocupação de lugares considerados remotos, tanto no tempo quanto no espaço. Lugares que foram constituídos a partir de percepções e códigos próprios e que, em alguns casos, sobreviveram apenas alguns vestígios – jardins, árvores, fragmentos de antigas construções, porteiras, caminhos e veredas, referências à toponímia, às músicas, aos contos e “causos”. Contudo, mesmo rarefeitas, algumas dessas informações ou outras possíveis marcas podem revelar formas de ocupação dos lugares, em muitos casos, originais.

Nos sertões do Brasil, por exemplo, ainda é comum, a existência de lugares do “silêncio” ou do “vazio”<sup>1</sup>. Observando a comunidade rural da Serra da Guia, localizada a sudoeste da sede de Poço Redondo, município do Sertão Sergipano do São Francisco, identificamos características particulares quanto ao seu processo de ocupação humana. Os registros, provenientes dos relatos de seus moradores, remetem a uma ocupação secular que teria sido iniciada na parte íngreme da serra e que, ao longo dos anos, foi sendo estabelecida no vale. Porém, mesmo havendo esse deslocamento, o contato regular dos habitantes do vale com a serra, permaneceu.

---

\*Resumo elaborado a partir do Projeto de Dissertação submetido à qualificação em junho de 2002. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno/MAE/USP

\*\*Mestranda em Geografia – NPGeo/UFES/ Área de Concentração II - Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial – Estudos Arqueológicos. Bolsista do CNPq/CENDOP/ Instituto Xingó.

<sup>1</sup>Ver: LEONARDI, Victor Paes de B. **Entre árvores e esquecimentos**: história social nos 26 sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996

E, nesse ir e vir, foi se firmando um processo de ocupação que proporcionou o estabelecimento de uma mobilidade e de uma fronteira, além da produção de marcas na paisagem, e na tradição oral da comunidade que dão notícias de que, de fato, o lugar teria propiciado uma ocupação em momentos e locais diferentes.

Diante da ausência preliminar de outras fontes que permitam inferir sobre o processo de ocupação humana dessa comunidade, decidimos por estudar as possíveis marcas dessa ocupação, impressas na paisagem, e na memória dos habitantes que, há mais de um século, buscaram ocupá-la. E, ao elaborarem um trabalho técnico e simbólico sobre a natureza, conferiram ao lugar características próprias.

O estudo de um local, não significa afirmar o seu isolamento, mas compreender que cada local constitui-se num campo com códigos específicos, dos quais muitos deles não escritos<sup>2</sup>. Assim, a evidência oral<sup>3</sup> pode ser, ao lado de outras fontes, crucial para a compreensão do contexto formador da paisagem. Podendo nos dar contextos novos que os documentos escritos por si mesmos não fornecem<sup>4</sup>. Trata-se de recuperar a memória acerca da paisagem através das pessoas que estão intimamente associadas aos lugares onde vivem<sup>5</sup>. Indivíduos que podem revelar aspectos de como a paisagem foi elaborada, e sobre o que realizam para mantê-la.

---

2 CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis/Associação Paulista de Bibliotecários, 1994; GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 4. ed. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997. LEONARDI, Victor Paes de B. **Entre árvores e esquecimentos**: história social nos 26 sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996.

3 ALBERTI, Verena. **História Oral**. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, FGV, 1989. Entre os exemplos de trabalhos que fizeram o uso deste recurso citamos: WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, Parentes e Compadres**. Colonos do Sul e Sítiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUNB, 1995; BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de velhos. 2.ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. USP, 1987; GODOI, Op. Cit.; LANGNESS, L. L. **História de vida na ciência antropológica**. São Paulo: EPU, 1973; VALENTE, Waldemar. **Serrinha**, aspectos antropossociais de uma comunidade nordestina. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1971; GODOI, Emília Pietrafesa de. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. IN: NIEMEYER, Ana Maria e GODOY, Emília P. de (Orgs.). **Além dos territórios**: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1998, p. 102.

4 SAMUEL, Raphael. Documentação. História local e história oral. Tradução de Zena W. Eisenberg. **Revista Brasileira de História**. Campinas, SP: Unicamp, 1998, p. 35.

5 SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução de Hildegard Feist São Paulo: Companhia das Letras, 1996, destaca a importância de consultar os "guardiães da paisagem".

Mesmo para os lugares considerados isolados, ou, que por qualquer outro motivo foram esquecidos é necessário “ouvir” os silêncios desses lugares. Como observou BRUNO (1999:334) ao destacar que determinados objetos ou temas são exilados da memória, e que “é preciso encontrar os métodos adequados para cuidar dessa memória exilada”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Sobre esse aspecto a autora informa sobre a importância dos processos museológicos. BRUNO, Maria Cristina O. A importância dos processos museológicos para a preservação do patrimônio. **Revista do MAE**. V.3. São Paulo: Edusp, 1999.